



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A DUALIDADE ENUNCIATIVA NOS DISCURSOS DE BENTINHO E
CAPITU EM “DOM CASMURRO” E “CAPITU MEMÓRIAS
PÓSTUMAS”**

SAMARA SALES DA SILVA

**Catolé do Rocha – PB
2014**

SAMARA SALES DA SILVA

**A DUALIDADE ENUNCIATIVA NOS DISCURSOS DE BENTINHO E
CAPITU EM “DOM CASMURRO” E “CAPITU MEMÓRIAS
PÓSTUMAS”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes

**Catolé do Rocha – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586d Silva, Samara Sales da.

A dualidade enunciativa nos discursos de Bentinho e Capitu em "Dom Casmurro" e "Capitu Memórias Póstumas"
[manuscrito] : / Samara Sales da Silva. - 2014.

33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes, Departamento de
Letras e Agrárias".

1. Ambiguidade Enunciativa. 2. Personagem. 3. Discurso. I.
Título.

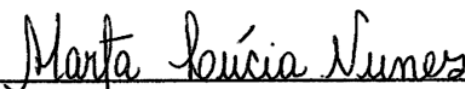
21. ed. CDD 401.41

SAMARA SALES DA SILVA

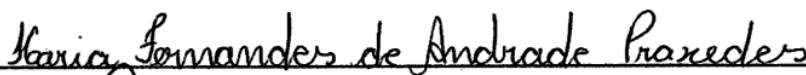
**A DUALIDADE ENUNCIATIVA NOS DISCURSOS DE BENTINHO
E CAPITU EM “DOM CASMURRO” E “CAPITU MEMÓRIAS
PÓSTUMAS”**

Aprovado em 21 de Julho de 2014

Banca examinadora



Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes – UEPB/CAMPUS IV
Orientadora



Profa. M.Sc. Maria Fernandes de A. Praxedes – UEPB/CAMPUS IV
Examinadora



Prof. M.Sc. Rômulo César Araújo Lima – UEPB/ CAMPUS IV
Examinador

Catolé do Rocha – PB
2014

À minha avó Enilça Maria Sales, fonte de todo amor e bondade que reside em minha pessoa e a toda minha família, pois são meu alicerce. Dedico.

AGRADECIMENTOS

Em primeira instância a Deus, e em seguida aos meus pais **Jocivan** e **Ozaneide**, pois apesar de todos os tropeços puderam me ajudar e acompanhar durante todos os dias da minha trajetória no curso de Licenciatura Plena em Letras, findando mais uma fase do meu percurso acadêmico.

Ao **Ryan Sales da Silva**, meu irmão, que me ensinou a ter mais paciência.

Aos meus avós, principalmente os maternos: **Enilça Maria Sales** e **Antônio Sales Neto**, assim como minhas tias, **Odinete Sales** e **Odjânia Sales**, e meus demais tios, pelo apoio, compreensão e ajuda.

Aos meus avós paternos: **Severina Alves dos Santos** e **João Alves da Silva**. Ao meu tio **Jocival Alves da Silva**, que me transportou durante estes três anos e meio de curso.

A minha estimada orientadora, **Profa. Marta Lúcia Nunes**, por toda dedicação, atenção e paciência na orientação deste trabalho.

Aos meus amigos e colegas do curso, por todos os momentos memoráveis que convivemos juntos, pois sem vocês não teria conseguido sobreviver lucidamente no mundo acadêmico, em especial: **Karoliny Lima**, **Shirley Maclaine**, **Eliane** e **Francisco de Assis**.

Ao corpo administrativo em especial **Francisco Bezerra Neto**, e aos docentes da instituição, por auxiliar-me em meu desenvolvimento social e intelectual, além de encaminhar-me os passos para a futura profissão.

Ao Programa de Instituição de Bolsas de Iniciação à Docência (**PIBID**), coordenado inicialmente pela Prof. **Cíntia Martins** e atualmente pela Prof. **Eliene Fernandes**, agradeço o auxílio fundamental no crescimento da minha formação acadêmica durante o um ano e meio no qual participei do projeto.

A todos os meus amigos, pela amizade, cumplicidade, torcida e apoio. Em especial minhas amigas de longa data e recentes: **Loana**, **Rusthânia**, **Aylaneide**, **Clarice**, **Airaneide** e **Aivoneide**.

Por fim, agradeço amplamente às graças recebidas até aqui e a todos aqueles que contribuíram e acreditaram na minha capacidade para o desenvolvimento deste trabalho.

Obrigada!

Que é uma personagem senão um determinante da ação? Que é a ação senão a ilustração da personagem? Que é um quadro ou um romance que *não seja* uma descrição de caracteres? Que é outra coisa neles procuramos, neles encontramos?

(Henry James)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir, através da análise comparativa, alguns aspectos da dualidade enunciativa nos discursos dos personagens protagonistas Bentinho, do romance “Dom Casmurro” de Machado de Assis, e Capitu, do romance “Capitu Memórias póstumas”, de Domício Proença Filho; ressaltando como o meio social e principalmente o método de narração envolve e influencia a posição e a construção de determinadas concepções por parte dos leitores a respeito dos referidos protagonistas. Este estudo comparativo apontou algumas semelhanças e diferenças entre vários aspectos de ordem moral fortemente estigmatizadas pelos próprios narradores-personagens, desta forma, compreende-se que a ligação indissociável entre literatura, sociedade e discurso está presente em ambas as obras e demonstra ficcionalmente qual a reação dos indivíduos quando se deparam com segmentos comprometedores de muitas ações introspectivas do ser humano. A análise foi realizada a partir do aporte teórico de Foucault (1998) e (1986); Candido (2010), Moisés (2009), Todorov (2008), Maingueneau (2001), Piza (2008) dentre outros. A realização da pesquisa possibilitou compreender que as personagens, ao apresentarem através de narração, suas percepções introspectivas sobre as situações que vivenciaram, tiveram o poder de argumentar em defesa e acusação a respeito do suposto adultério, influenciando, dessa forma na postura adotada pelo leitor em relação aos fatos narrados.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiguidade enunciativa. Personagem. Discurso.

ABSTRACT

This paper aims to discuss, through comparative analysis, some aspects of duality expository discourses of the main characters Bento, the novel "Dom Casmurro" of Machado de Assis, and Capitu, in the novel "Capitu memórias póstumas" by Domício Proença Filho; highlighting how the social environment and especially the method of narration involves and influences the position and the construction of a particular design from readers about the protagonists mentioned. This comparative study showed some similarities and differences between various aspects of moral heavily stigmatized by the narrators, characters, thus, it is understood that the inextricable link between literature and society discourse is present in both works fictionally and demonstrates what reaction of individuals when faced with incriminating segments of many introspective actions of human beings. The analysis was performed based on the theoretical framework of Foucault (1998) and (1986); Candido (2010), Moisés (2001), Todorov (2008), Maingueneau (2001), Piza (2008) among others. The research enabled us to understand the characters in presenting through narration, his introspective perceptions of the situations experienced, had the power to argue in defense and prosecution in respect of the alleged adultery, influencing thus the posture adopted by the reader in relation to the facts narrated.

KEYWORDS: Enunciative Ambiguity. Character. Discourse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 LITERATURA E RELAÇÕES SOCIAIS: uma relação indissociável	12
2 ENUNCIACÃO E FOCO NARRATIVO NA LITERATURA	17
3 BENTINHO X CAPITU: a dualidade enunciativa	21
3.1 A dissimulação humana nas relações sociais	21
3.2 O confronto enunciativo dos narradores-personagens	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

Machado de Assis, escritor carioca de origem humilde, nascido em 1839, conseguiu superar e surpreender todo o público tradicionalista do século XIX, analisando os aspectos ideológicos da sociedade com total mestria através do universalismo da linguagem, abrangendo e impressionando vários leitores a cada instante.

O romance “Dom Casmurro” aplaudido e aclamado pelo público leitor tornou-se uma incógnita, dando margem a diversas interpretações em consequência do enredo que se desenvolve em torno de um suposto adultério. A personagem Capitu, que no referido romance não se posiciona frente a acusação de adultério, exerce, no romance “Capitu memórias póstumas” de Domício Proença Filho, o papel de narradora póstuma e descreve outra versão dos fatos que levaram a grande polêmica de traição, defendendo-se das acusações, até então sobre ela impostas.

Os dois romances apresentam singularidades, cada narrador chamando a atenção do leitor de forma persuasiva, e influenciando em seu posicionamento. O modo como cada narrador introduz suas percepções críticas acerca da mesma história difere em muitos aspectos, porém a linguagem irônica e metafórica está presente em ambos romances.

A concepção de Maingueneau (2001, p. 157) de que “O texto não mostra ao mundo à maneira de um vidro idealmente transparente cuja existência se poderia esquecer; só faz isso interpondo seu contexto enunciativo, que não é representado,” ao apresentar questionamentos sobre a clareza enunciativa de um texto, foi adotada como ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho visto que se refere justamente ao eixo principal da pesquisa que é trazer a tona o contexto de enunciação de maneira a expor um enfrentamento de enunciados, onde cada um representa um posicionamento diferente do sujeito da enunciação.

Outra concepção que se relaciona com a postulada por Maingueneau consiste em “[...] a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra.” (CANDIDO, 2010, p. 12), ou seja, esta é uma relação indissociável, onde texto e contexto, dito e dizer se inter-relacionam em

andamentos imprescindíveis do processo de interpretação e posicionamento do leitor quanto às questões enfatizadas na obra.

O presente trabalho encontra-se subdividido em três partes principais: **Literatura e relações sociais: uma relação indissociável; Enunciação e Foco narrativo na literatura, Bentinho x Capitu: a dualidade enunciativa.**

Em “Literatura e relações sociais: uma relação indissociável” esclarecemos algumas questões do âmbito literário que estão diretamente relacionadas ao modo como literatura e sociedade estabelecem uma forte conexão no que diz respeito às influências do meio sócio-histórico, e em como a literatura consegue ressaltar a relação de reciprocidade e inquietude quanto à repercussão das representações sociais dos contextos apresentados em obras literárias.

Em “Enunciação e foco narrativo na literatura” abordamos o encadeamento enunciativo e suas dualidades, a partir do foco narrativo visando compreender como este processo de estruturação da narrativa ocorre dentro do texto e verificando de que maneira ele irá corresponder ao meio literário, bem como a importância significativa dos personagens-narradores no processo de criação da obra.

Na terceira parte do trabalho, intitulado “Bentinho x Capitu: a dualidade enunciativa” apresentamos a análise comparativa das duas obras objetos de estudo, a partir do confronto entre trechos significativos das narrativas que destacam as divergências entre as obras, avaliando as características distintas e similares encontradas em ambos romances.

1 LITERATURA E RELAÇÕES SOCIAIS: uma relação indissociável

Quando se discute literatura em uma perspectiva social, percebe-se que as questões sócio-históricas e culturais que permeiam uma obra literária são as mais diversas possíveis, como por exemplo, o contexto no qual o indivíduo está inserido, a repercussão da obra dentro da sociedade, o envolvimento do autor e obra, dentre outros aspectos. Para Maingueneau (2001, p. 19):

De fato a obra é indissociável das instituições que a tornam possível: não existe tragédia clássica ou epopeia medieval fora de uma certa condição dos escritores na sociedade, fora de certos lugares, de certos modos de elaboração ou circulação de textos.

A respeito da relação complementar que se encontra presente entre a repercussão da obra, o público e o escritor, Candido explicita esta relação indissociável, assegurando que:

Não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter- humana, e como tal interessa ao sociólogo. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra, um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito. (2010, p. 31)

Nesta perspectiva, o processo de interação entre o contexto social que é abordado e inserido na obra através da vertente sociológica de seu comunicante, que seria o autor, e entre seu comunicando, que no caso é o público que se deseja atingir, gera um aspecto real e social, que repercute levando a reflexão do leitor, onde percebe-se a relação inseparável na qual se constitui obra e sociedade. Conforme Maingueneau (2001, p. 05):

Obra e sociedade são relacionadas sem que se deixe a consciência do autor. Nessa perspectiva, o estilo não é tanto um conjunto de procedimentos, como na linha da retórica, quanto à expressão de uma 'visão do mundo' singular que dá acesso a uma mentalidade coletiva.

Dessa forma, compreende-se que obra e sociedade estão intrinsecamente relacionadas, e cabe ao autor decidir o que abordar durante o ato da criação, para representar impessoal e coletivamente o encadeamento histórico-social da época

que está em evidência na narrativa. Ressaltando este pensamento o autor ainda afirma que:

Cada obra constitui um universo fechado, incomensurável com relação a qualquer outro, no qual se opera uma dupla reconciliação: entre a consciência do autor e o mundo, mas também entre a extrema subjetividade do autor e a universalidade de sua época. (MAINGUENEAU, 2001, p. 05)

A escolha de um contexto crítico introduzido em uma produção, pelo autor em uma realidade fictícia influenciada pelo meio coletivo em que o criador da obra está inserido, deixa vestígios, pois esta relação se realça ainda mais quando está em contraste à situação social do país, como é o caso do Brasil, que visto sob um contexto capitalista, regente pelo sistema escravocrata base da economia do país, os vários tramites econômicos realizados por este sistema seriam a causa da luta de classes entre burguesia e prole.

É notoriamente perceptível a presença desta relação de intertexto e realidade social, posto que o contexto histórico e literário de ambas as obras é o mesmo, pois tanto Machado de Assis em “Dom Casmurro”, quanto Domício Proença Filho em “Capitu: Memórias Póstumas” exerceram evidentemente fortes críticas ao sistema de relações de poder que estava em vigor durante o segundo reinado. Borba (2008, p. 115), destaca a importância da obra machadiana quanto:

[...] à tematização da sociedade brasileira dividida em classes, à permanência de um regime escravocrata e ao ceticismo em relação ao progresso do país, questões que terminam por relacionar a obra às nossas referências históricas. Mas sabemos também que nem sempre as leituras sociológicas tiraram suas conclusões a partir do próprio discurso literário.

Neste aspecto, fica evidente um dos motivos de grande incômodo e crítica literária da época, a desigualdade sócio-econômica brasileira, resultado de um equivocado sistema de colonização do país instalado pelo dominador ibérico, sistema colonizador este, que deixou profundas marcas e que são constantemente representadas em obras literárias como meio de protesto e despertar de consciência da realidade do país, fato que chamou atenção não apenas Machado de Assis, mas diversos escritores da época, tais como: Aluísio Azevedo e Raul Pompéia, que dentre outros procuraram denunciar, através da literatura, as mazelas sociais.

A heterogeneidade nos sistemas das relações humanas no Brasil também tem sido frequentemente motivo de crítica por parte de vários autores, dentre eles

Bosi, que faz uma crítica avaliativa ao duro sistema econômico aqui implantado e como este é excludente e cruel: “O mercado é o lugar comum do bulício onde ninguém pode permanecer quieto sob pena de cair fora da sua posição.” (BOSI, 1992, p. 97).

Ainda nesta perspectiva, Maingueneau (2001), ao se referir a perspectiva marxista, ressalta como a questão do mercado contribui na construção do meio social e como esta relação é singularmente despida ao ser apresentada dentro da obra literária: “A abordagem marxista ‘clássica’ considera a literatura como elemento da ‘superestrutura’. As obras devem ser lidas como um ‘reflexo’ ideológico, portanto deformado. De uma instância que lhe é exterior e que a determina: a luta de classes”(p. 07).

O sistema de base capitalista impele todas as transações possíveis, isso significa que além de influenciar em questões aquisitivas, influencia também no campo afetivo, induzindo assim o posicionamento do indivíduo dentro da sociedade. Pode-se considerar desta forma, segundo Schwarz (2001, p. 23) que as ideias da burguesia estavam compreendidas em um sistema que não ponderava nem mesmo as questões de imagem, pois se encontravam impregnadas claramente na convivência comum, aspirando sempre monopolizar a natureza do indivíduo.

Em determinadas obras literárias, é muito comum a representação de fatos sociais, visto que algumas tratam de temas universalistas de cunho teórico determinista, compreendidas pelos esquemas de ações e reações dos reflexos ideológicos do indivíduo em sociedade, abrangendo assim, significativamente muito da realidade sobre o contexto literário.

Candido (2010, p. 28) questiona: “Qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte?”, esta questão levanta inúmeros segmentos, posto que são vários os aspectos sociais introduzidos no meio artístico, como trata-se aqui da obra literária, sabe-se da grande interferência na qual o meio cultural, social, histórico, campo ideológico etc. abrangem na perspectiva autocrítica do autor no momento da construção da obra como meio de representação e verossimilhança entre ficção e realidade, ainda segundo Candido (2010):

[...] o que chamamos de arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores de seu tempo, que parece dissolver-se nele, sobretudo levando em conta que, nestes casos, perde-se quase sempre a identidade do criador- protótipo. (p. 35)

Nesta mesma perspectiva, o citado autor explicita esta concepção ao afirmar:

Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo. As relações entre o artista e o grupo se pautam por esta circunstância e podem ser esquematizadas do seguinte modo: em primeiro lugar, há a necessidade de um agente individual que tome a si a tarefa de criar ou apresentar a obra; em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a esta circunstância; em terceiro lugar, ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas. (idem; ibidem)

Pode-se inferir que no âmbito da obra literária, todo o meio social ao qual o escritor está inserido é discretamente levado para a produção, posto que este seja o intérprete das relações sociais no momento de construção da obra, desta forma, acaba por ficar claro todo o poder do meio sobre a arte, no caso a produção literária.

Maingueneau (2001, p. 03-04) afirma que por um lado o próprio texto permite restituir as questões que tramitam entre o contexto sócio-histórico e a obra, ou seja, no oportuno texto onde é possível identificar todos os aspectos críticos que o autor insere em sua obra: “[...] por um lado, o texto nos permite restituir realidades perdidas (que se imaginem...), por outro, nosso conhecimento da sociedade.” De acordo com Maingueneau, o processo de produção de sentidos de um texto requer a participação ativa do leitor e de seu conhecimento das realidades por ele analisadas, sejam elas sociais, psicológicas, econômicas, históricas, etc.

Candido nos esclarece como o conteúdo representado na obra, no caso o seu contexto, depende significativamente do autor e da classe social na qual este está inserido:

O influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela se transmudam em conteúdo e forma, discerníveis apenas logicamente, pois na realidade decorrem do impulso criador como unidade inseparável. Aceita, porém, a divisão, lembremos que os valores e ideologias contribuem principalmente para o *conteúdo*, enquanto as modalidades de comunicação influem mais na *forma*. (CANDIDO, 2010, p.40). (grifos do autor).

Pode-se então compreender que os influxos sociais, ideológicos e culturais estão diretamente ligados à forma e ao conteúdo da produção, são suscetíveis a várias mudanças repentinas que podem variar de acordo com o objetivo do autor. Assim, enquadra-se a “tríade indissolúvel” que segundo Candido (2010, p. 47)

reúne, sociologicamente falando, a produção literária, autoria e público, e é fundamentalmente uma relação basilar entre arte e sociedade, que representa de maneira clara a analogia realizada à comunidade real exposta na obra, ou seja, o público. Ainda a despeito desta relação pode-se dizer que “O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho e reflete a sua imagem enquanto criador.” (CANDIDO, 2010, p. 48).

As construções conceptivas a respeito da relação literatura e sociedade empreendem um vasto campo, posto que são muitos aspectos a serem discutidos minuciosamente, e que envolvem não apenas questões coletivas, mas também preceitos ideológicos individuais, visto que em se tratando de arte, toda obra tem um representante que deriva seus esboços psicológicos e ideias sociais pessoais, que representarão a sociedade na qual ele está inserido de forma a relativizar a verossimilhança entre ficção e realidade.

2 ENUNCIÇÃO E FOCO NARRATIVO NA LITERATURA

Um texto ou um discurso podem ser construídos a partir de um mesmo repertório vocabular, porém o sentido dificilmente será igual, o modo como um leitor interpreta de forma inconsciente ou consciente aquilo que o autor apresenta em sua obra é tangível, pois nunca se sabe se o receptor do texto realmente conseguiu compreender e analisar proficuamente a mensagem. Maingueneau (2001, p. 01) nos diz que “o dito e o dizer, o texto e o contexto são indissociáveis”. A afirmação induz ao entendimento de que um não pode existir sem o outro, sendo desta maneira, elementarmente inseparáveis.

O modo como as palavras são proferidas ou escritas pode alterar inteira ou parcialmente a acepção de um texto, posto que quem detém o poder de realizar esta ação é o autor que transfere-o ao narrador ou personagens, dessa forma, o mesmo contexto enunciado pode ser completamente alterado.

O discurso está enraizado nas relações de poder e entrelaçado à sociedade, objetivando, desta maneira, verificar como o domínio da linguagem oferece margens a influências ideológicas na concepção do sujeito diante de um discurso. Para Foucault (1998) o poder está em todo o lugar, disseminado no interior das instituições criadas pelos homens. Por isso, ele não fala em ideologia determinando aquilo que o sujeito pode e deve falar, mas em sistemas de interdição, em procedimentos que criam um jogo de fronteiras, limites, supressões que tentam controlar a produção dos discursos na sociedade.

Diante do exposto, compreende-se que a disseminação do poder de um discurso aparece envolta em uma série de procedimentos introspectivos que são ocultados e desenvolvidos silenciosamente pelo sujeito detentor do poder enunciativo.

Ainda nesta perspectiva, Sargentini & Barbosa (2004) apresentam outro fator determinante que rege a posição do sujeito dentro do discurso, os mesmos atestam que apesar de o indivíduo deter a posição de poderio da fala, ele não atua em total dominância deste poder enunciativo, posto que, é o discurso que domina o indivíduo e não o contrário. Desta maneira, vale ressaltar que:

É que o discurso que determina o que o sujeito deve falar, é ele quem estipula as modalidades enunciativas. Logo, o sujeito não preexiste no discurso, ele é uma construção no discurso, sendo este um feixe de relações que irá determinar o que dizer, quando e de que modo. (SARGENTINI & BARBOSA, 2004, p. 113)

Dentro desta formação do sujeito na construção do discurso encontra-se evidente o enunciado ou função enunciativa, que segundo Sargentini & Barbosa (2004) trata-se na verdade do alicerce do discurso, pois é através dele que se distingue a proposição, validade da frase como estrutura e os atos de linguagem, ele na verdade atua como realizador da função de identificação destes três segmentos dentro do discurso. Os autores explicam que:

[...] o que torna uma frase, uma proposição, um ato de linguagem em um enunciado é justamente a *função enunciativa*: o fato de ele ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado pelas regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado. (SARGENTINI & BARBOSA, 2004, p. 26)

Quando se trata da enunciação no contexto literário deve-se considerar que esta se encontra irrevogavelmente ligada à significação da palavra, segundo (Maingueneau, 2001, p. 19) “As condições de enunciação do texto literário não são uma estrutura contingente da qual este poderia se libertar, mas estão indefectivamente vinculadas a seu sentido.”

Ainda sobre esta perspectiva, o autor deixa claro que quando se trata da enunciação dentro do texto literário, é muito comum haver situações em que o enunciado se confunda ao próprio texto, o que acaba refletindo em seu sentido, ou seja, na maneira de como será feita a interpretação da narrativa, ocorrendo assim uma duplicação do significado enunciativo: “A enunciação deve, assim, gerir uma **duplicidade** irreduzível, *articular o que a obra representa sobre o evento enunciativo que esse ato de representação constitui*”. (MAINGUENEAU, 2001, p. 157). (Grifos do autor). A “duplicidade irreduzível” na qual o autor se refere só é possível através da relação ambígua encontrada no contexto enunciativo em contraste à narrativa, deixando visível ao receptor a relação ambígua entre texto literário e enunciado.

Maingueneau (2001) ainda aborda como essa dualidade pode ser contraditória dentro da fala do indivíduo e como afeta as alterações de sentido do texto, pois a enunciação pode deixar implícita a verdadeira intenção do significado da fala do locutor, gerando uma dualidade camuflada que será exposta apenas

quando o contexto solicitar. Fica evidente então a divergência entre o que o enunciado diz e o que a enunciação mostra. Acentuando este conceito o autor afirma:

Aqui estamos diante daquilo que é chamado um **paradoxo pragmático**, isto é, uma proposição que é contradita por aquilo que sua enunciação *mostra*. Esse tipo de paradoxo pode resultar de incompatibilidades muito diversas entre o enunciado e as condições (materiais, psicológicas, sociológicas) vinculadas à sua enunciação. (MAINGUENEAU, 2001, p. 157-158) (Grifos do autor)

Este tipo de situação está presente principalmente em contextos sociais representados através de obras literárias, onde é muito comum haver vários locutores em poder da enunciação e desta forma o sentido do texto pode vir a mudar simultaneamente deixando clara ou não alguma situação diante do receptor, que é o público, beneficiando assim, o narrador do texto. Segundo Foucault (1986, p. 107) “[...] um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos”.

Compreende-se, dessa forma, a visibilidade do papel dos processos de enunciação que se encontra em poder do indivíduo quando este assume qualquer posição sobre determinado contexto, visto que a posição de sujeito é neutra, podendo ser ocupada por qualquer enunciador. Como neste trabalho, são analisadas duas obras, o poder dos processos de enunciação estão no caso, em domínio de dois narradores-personagens, a saber: Bentinho em “Dom Casmurro” e Capitu em “Capitu memórias póstumas”.

Os processos de enunciação no âmbito literário encontram-se principalmente em narrações, posto que o narrador, que pode ser também um personagem, possui o domínio da enunciação. Na literatura o foco narrativo está literalmente vinculado ao narrador, pois este é o realizador do discurso, é ele quem possui total controle da enunciação. Esta relação gera alguns equívocos em relação à maneira como a enunciação é introduzida na narrativa, segundo Todorov (2008, p. 61): “A distinção entre discurso e história permite apresentar melhor outro problema da teoria literária, o das ‘visões’ ou ‘pontos de vista’. De fato, trata-se aí das transformações que a noção de pessoa sofre na narrativa literária.”

Estes “pontos de vista” são reforçados ainda mais quando o narrador é também personagem da obra em questão, pois a impessoalidade é posta em

cheque, o que produz dualidades na maneira que a narrativa pode ser interpretada. Segundo Todorov (2008, p. 62):

Existe, pois uma dialética da personalidade e da impessoalidade entre o *eu* narrador (implícito) e o *ele* da personagem (que pode ser um *eu* explícito), entre o discurso e a história. Todo o problema das “visões” está aqui: no grau de transparência dos *eles* impessoais da história com relação ao *eu* do discurso.

Outro aspecto a ser ressaltado é a indissolúvel relação entre personagem e ação da narrativa, pois é a própria personagem que estabelece o domínio sobre os processos de enunciação que aparecem ora implícitos, ora explícitos, dentro das representações literárias.

Este domínio se intensifica ainda mais quando narrado pela própria personagem durante as ações realizadas no decorrer da obra levando a mudanças de perspectiva tanto do narrador, quanto do público. James (1884) *apud* Todorov (2008, p. 120) expõe muito bem a inconstância de uma personagem, segundo o autor: “Que é uma personagem senão um determinante da ação? Que é a ação senão a ilustração da personagem? Que é um quadro ou um romance que *não seja* uma descrição de caracteres? Que é outra coisa neles procuramos, neles encontramos?”.

Tal procura acontece pela identificação dos leitores com as ações e o meio em que os personagens se encontram; trata-se da verossimilhança de representação entre ficção e realidade, ou seja, os aspectos subjetivos, psicológicos, ideológicos que compõem sujeito e influenciam as relações em sociedade.

3 BENTINHO X CAPITU: a dualidade enunciativa

3.1 A dissimulação humana nas relações sociais

Inicialmente, apresentamos em linhas gerais, os enredos das obras objetos de estudo. “Dom Casmurro¹” de Machado de Assis, publicada pela primeira vez em 1889 narra a suposta traição formada por um triângulo amoroso composto por Bentinho, personagem protagonista, Capitu e Escobar.

O narrador-personagem resolve escrever sua autobiografia deixando o leitor informado inicialmente da essência de sua relação com Capitu, sua vizinha e amiga de infância. Juntos, ambos iniciam um romance inocente, porém existe um empecilho diante do amor dos dois, Bentinho que era filho único, foi prometido ao sacerdócio desde o nascimento, em virtude de uma promessa feita por sua mãe.

Bentinho é enviado ao seminário, onde inicia uma grande amizade com Escobar, até então seminarista. Vale ressaltar que ambos eram insatisfeitos com a situação de seminarista que lhes fora imposta. Passado um tempo na condição de seminaristas, e após trocarem confidências, a solução do problema do sacerdócio chega através da ideia postulada por Escobar: a substituição de quem viria pagar a promessa da mãe de Bento. Solucionado o problema eclesiástico, Bentinho e Escobar saem do seminário, e o protagonista muda-se para São Paulo para iniciar os estudos em advocacia. Escobar conhece Capitu, com a qual cria laços de amizade, pois este se casa com D. Sancha, a melhor amiga de Capitu.

Bentinho volta formado para casa e finalmente casa-se com Capitu. O casal vive aparentemente feliz em seus primeiros anos de casados e o tempo aumenta uma forte amizade com o outro casal, Sancha e Escobar. Alguns anos passam e Capitu finalmente concebe o primogênito de Bentinho, que recebe o nome de Ezequiel em homenagem ao amigo Escobar.

No decorrer da narrativa, tragicamente, Escobar morre afogado, deixando Bentinho perturbado com a morte do amigo, e sucessivamente com as reações emotivas de Capitu para com Escobar durante o velório. Vem-lhe a mente a possibilidade de uma traição amorosa de Capitu e Escobar, posto que as semelhanças físicas de seu filho com o amigo eram discutíveis, torna-se então uma

¹ Ao longo da análise, faremos referência ao romance “Dom Casmurro” utilizando as iniciais DC e todos os trechos aqui apresentados foram transcritos da edição de 2007 da editora Martim Claret.

tortura conviver com a dúvida. Bento pensa em suicídio, que não vem a acontecer, e arquiteta um possível envenenamento para o próprio filho. Capitu, refletindo sobre a situação, toma como ponto de partida a sugestão do divórcio, que é encoberto socialmente, pois Bentinho prefere manda-la para a Suíça juntamente com seu filho. O desfecho do romance acontece com a morte de Capitu, assim como Ezequiel que falece em uma viagem arqueológica, deixando Bento Santiago sozinho repleto de dúvidas e contradições sentimentais.

Quanto ao romance “Capitu memórias póstumas²” de Domício Proença Filho, o enredo é basicamente o mesmo, porém narrado por Capitu que inicia da seguinte forma: “Só agora, decorrido tanto tempo humano, posso, finalmente, contestar as acusações contra mim feitas pelo meu ex-marido, o Dr. Bento Santiago”; os fatos narrados são analisados pela perspectiva de Capitu, onde muitas vezes incita momentos e reações contrárias das narradas em DC deixando clara sua inocência diante do público, apontando a possível loucura do ex-marido como causa principal da polêmica de traição amorosa. Desta maneira, a narrativa se torna totalmente antagônica à original, posto que a vítima da traição que em DC era Bento, em CMP passa a ser Capitu, pois durante o enredo, a personagem-narradora insinua em vários fragmentos bem fundamentados uma possível relação amorosa entre Escobar e Bentinho, passando de traidora para traída.

Pode-se perceber que tanto em “Dom Casmurro” quanto em “Capitu: Memórias Póstumas” um fator semelhante que se destaca refere-se ao fato de que ambas apresentam uma sociedade de aparências, que prefere ocultar os conflitos inerentes às relações sociais, sobretudo aqueles de caráter familiar a ter que administrar um escândalo. A imagem imaculada incitada nas duas obras é proveniente do desenvolvimento exacerbado e rígido da religiosidade que perpassa todo o enredo, principalmente através do personagem principal, que postulado por sua devota mãe possui um nome beatificado, como explicita Piza (2008, p. 322):

Bento Santiago, o Bentinho, recebeu esse nome cheio de ressonância religiosa (Bento quer dizer abençoado, Bentinho significa um escapulário e São Tiago é o padroeiro da Espanha) por causa de uma promessa da mãe, D. Glória, que caso engravidasse destinaria o filho ao sacerdócio.

² Utilizamos as iniciais CMP para fazer referência ao romance de Domício Proença Filho e os trechos apresentados foram transcritos da primeira edição publicada em 1998 da editora Artium.

Nos dois romances encontram-se vestígios do gosto amargo na relação entre os protagonistas principais em consequência de suas atitudes entrelaçadas despropositalmente ao sistema capitalista, pois durante a narrativa, observa-se que em vários momentos durante sua infância, o Dr. Bento Santiago sente pena de Capitu que era de origem humilde, pelo fato de ter sido sempre criado em berço de ouro, afinal sua família vinha do regime de senhores de escravos, e teve sempre posição de destaque na sociedade. Um episódio narrado por Bentinho no qual descreve a inferioridade aquisitiva evidencia esse sentimento de piedade para com a futura amada:

Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. (...) As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor, não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia- as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos. (DC, 2007, p. 34)

Tanto em “Dom Casmurro” quanto em “Capitu memórias póstumas” existe um episódio em que os narradores expressam como as questões de ordem financeira estabeleciam uma distância entre eles, mas, ao mesmo tempo, uma vez resolvidas, poderiam dar um fim a toda a angústia do problema enfrentado por ambos: “Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no pacote e ia para a Europa”. (CMP, 1998. p. 46). Esta fala de Capitu acentua ainda mais como as questões financeiras circundavam o amor de infância, pois, na avaliação da narradora, o jovem pré-seminarista deixaria de ir para o seminário, se ela tivesse poder aquisitivo para fugirem juntos.

Inserida em ambas narrativas encontra-se também a questão das aparências, preponderando a condição alienada perante a sociedade do que a verdade dos fatos, sendo muitas vezes mais viável esconder as questões de envolvimento pessoal que oferecessem rumores de escândalos e comprometessem a imagem da família dentro da elite social.

Em CMP a protagonista narra que após a acusação de traição por parte de seu marido, este influenciado pela mãe, acha viável mandá-la para suíça para, dessa forma, evitar o que seria provavelmente um escândalo.

A solução não demorou. Viajamos os três para a Europa. Mais uma vez salvavam-se as aparências: como poderia a família do Dr. Bento Santiago desagregar-se? O que pensariam os amigos? O que diria o protonotário Cabral? Era tudo muito simples, e resultava de uma proposta de minha sogra: eu ficaria na Suíça, com Ezequiel. Ela ajudaria no que fosse necessário. Por exigência minha, acompanhou-nos uma professora do Rio Grande; ela cuidaria de ensinar português a Ezequiel. E assim foi feito. Eu não tinha escolha. (CMP, 1998. p. 216)

Em DC o narrador-personagem evidencia o quanto a imagem associada à sociedade era de fundamental importância para o bom desenrolar das relações sociais na vida dos indivíduos. Assim, é possível perceber com clareza todo o falso moralismo que caracteriza a sociedade da época, escondendo a verdadeira essência dos acontecimentos.

Embarquei um ano depois, mas não a procurei, e repeti a viagem com o mesmo resultado. Na volta, os que se lembravam dela, queriam notícias, e eu dava-lhas, como se acabasse de viver com ela; naturalmente as viagens eram feitas com o intuito de simular isto mesmo, e enganar a opinião. (DC, 2007, p. 206)

Também é evidente na narração de Capitu a presença dos interesses financeiros na amizade entre Bentinho e Escobar. Capitu, descreve alguns diálogos entre os referidos personagens:

[...]. Bentinho foi mostrando os outros escravos. Conhecia-os pelo nome; “-Todas as letras do alfabeto...”, não *resistiu* Escobar. [...] Bentinho se derramava: “Não sei mas parece, mamãe tem outras casas maiores do que esta, diz, porém, que há de morrer aqui, as outras estão alugadas [...]”. Bentinho, dias depois, me fez um resumo de toda essa conversa da horta, mas sempre um resumo. Só se alongou diante da capacidade demonstrada por Escobar para os números. [...] Escobar agora estava **informado** de **parte significativa dos bens** da família Santiago. E sabia muito bem, como todos, quem os comandava e administrava. (CPM, 1998, p. 137, 138, 140, grifos nossos.)

Aqui torna-se evidente o relacionamento problemático no qual se enquadrava o triângulo amoroso construído ou sugerido em “Dom Casmurro”, quando se acrescenta outro fator: a interferência que as condições aquisitivas, introduzidas pelo meio socioeconômico e histórico da época resultavam nas relações embargadas de subjetividade, pois crescem os níveis dos motivos das desconfianças, intrigas e traições, sentimentos esses, provenientes da introspecção do ser humano, ou seja, as ações falhas que configuram a deficiência do indivíduo.

A partir destes atos, traçam-se os movimentos de reações desencadeadas em geral por motivos banais que podem levar a situações de grande tensão, como no caso do texto de Machado, onde o protagonista, induzido pela subjetividade de suas emoções, que mesclam lucidez e loucura, chega à conclusão da possibilidade do próprio suicídio e envenenamento do próprio filho.

3.2 O confronto enunciativo: Bentinho x Capitu

Sabe-se do constante destaque de Machado de Assis no cenário literário. Tanto no século XIX quanto na contemporaneidade, os seus textos de cunho universal e notadamente irônicos tem sido objetos de discussão. Com “Dom Casmurro”, a reação do público foi de estranheza, como uma das obras precursoras e de grande destaque do Realismo no Brasil que acabou gerando muitas dúvidas sobre o que até então era concebido como romance. O enredo com uma possível traição tirou o enfoque romântico da obra e suscitou uma grande polêmica, pois representava uma realidade crua, de fatos que poderiam ter acontecido de forma verdadeira ou não, quebrando alguns paradigmas e propondo avaliar a oscilação entre lucidez e loucura humanas.

Machado de Assis também teceu diversas críticas à sociedade de falsos valores da época, onde a aparência valia mais que o caráter, além de apresentar claramente traços intimistas da fraqueza do homem e o constante ‘não saber lidar’ com sentimentos e situações do cotidiano, mostrando ainda de forma discreta o regime escravocrata da época, posto que os fatos do enredo acontecem em 1857, durante o império de D. Pedro II, além da observação da falta de infraestrutura da cidade onde ocorrem as ações do romance, neste caso o Rio de Janeiro, como também o culto exacerbado à religiosidade que acompanham todo o desenvolvimento da trama.

Muitas questões apresentadas na obra são temas universais, que formam um grande e complexo grupo de características do Realismo, Como afirmam Candido e Castello (1996, p. 285): “O realismo ocorre em todos os tempos como um dos pólos da criação literária, sendo a tendência para reproduzir nas obras os traços observados no mundo real – seja nas coisas, seja nas pessoas e nos sentimentos”.

Ressaltando de maneira mais clara esta concepção, a qual pode-se observar durante todo o texto de Machado de Assis, fundador das criações de produções

realistas, acabou por influenciar em grande parte o desenvolvimento deste movimento literário no Brasil, tem-se a perspectiva que:

Sob vários aspectos, o romance romântico foi cheio de realismo, pois a ficção moderna se constituiu justamente na medida em que visou, cada vez mais, a comunicar ao leitor o sentimento de realidade por meio da observação exata do mundo e dos seres. (CANDIDO e CASTELLO, 1996, p. 286)

Encontra-se, desta forma, no romance machadiano, inúmeros aspectos realistas, apresentando-se principalmente em seu tipo de linguagem, que abrange um discurso altamente elaborado, sarcástico, agressivo, claro, metafórico e objetivo. A respeito do realismo machadiano, Moisés (2001, p. 93) afirma:

Machado invade o recesso das consciências e das situações (em consonância, de resto, com o projeto inicial) em busca dos móveis ocultos dos atos cotidianos. Aproxima-se da realidade contingente, pratica um realismo que, sem deixar de ser interior, afasta o delírio e a loucura e imerge nos enigmas que o dia-a-dia mais banal esconde: que pode haver de mais enigmático que o mundo? E as personagens despem-se do ar e metáforas, humanizam-se, criando para o ficcionista problemas novos, resolvidos com a firmeza do mestre.

Em “Dom Casmurro”, o autor explora muito bem todos os recursos que eternizaram o seu estilo, utiliza da metaforização de maneira proficiente, para ora confundir, ora esclarecer os fatos ao seu leitor; utiliza também da digressão, ou seja, da interrupção da ação narrativa para estabelecer diálogos com o leitor, descrevendo também quais caminhos a narrativa poderá trilhar, e esta postura metalinguística mostra ao leitor o ludíbrio ficcional que se desenvolve no decorrer do romance.

O romance cujo final tornou-se um verdadeiro jogo de suposições, inicia-se de forma temporal-psicológica, visto que tem início no tempo presente, mas realiza vários regressos ao passado no momento em que o narrador considera conveniente.

Observa-se durante o romance o uso frequente de diversas citações épicas e bíblicas, fato que esclarece muito da personalidade do narrador-personagem. Ao utilizar esse recurso intertextual, Machado traz ao seu texto aspectos amplos de subjetividade dando ao seu discurso traços intimistas ao desempenhar uma análise psicológica de seus personagens, neste caso uma análise de Bentinho, que

constantemente utiliza as fundamentadas citações como forma de justificar muitas de suas ações.

Em “Capitu Memórias Póstumas”, a linguagem condiz com o estilo machadiano, o narrador é decisivo, ímpeto, grave, ardiloso, irônico, e tende a fazer com que a narrativa da personagem continue dissimulada, porém desta vez usando a dissimulação como artifício benéfico. Segundo Lucchesi:

Domício Proença Filho é um machadiano. Conhece-o como poucos. Sabe-o com devoção. Mas não é um machadólatra. E, por isso mesmo, seu texto é saboroso, bem urdido, num jogo de aproximação e distância do *Enigma Bentinho*. Escrito com leveza e insinuações, com releituras realmente instigantes da trama-original, elaborando soluções e deslocamentos de primeira ordem. (1998³)

Outro aspecto bastante recorrente em “Capitu: memórias póstumas” é o descritivismo utilizado ao longo de todo o texto. O autor utiliza exatamente os mesmos trechos de “Dom Casmurro”, mas o faz para melhor acentuar as falas e situações sob a perspectiva de Capitu, visto que esta comenta em seguida a adoção do mesmo estilo enunciativo de Bentinho, conforme podemos atestar no seguinte trecho:

Não há como fugir dos fatos. Vivemos eu e Bentinho uma realidade comum, em vários aspectos relatada no seu livro. Ao retomá-la, reproduzirei, com frequência e por vezes literalmente, passagens de seu texto, para que não me acusem de falsear os fatos, e sempre que tal ocorrer, situarei, para maior destaque e para garantia de distanciamento, suas palavras entre aspas. (CMP, 1998, p. 16)

O motivo da discórdia entre os amantes aparece claramente em ambas as narrações, é o ciúme, muitas vezes exagerado, é deste sentimento que provem todas as reflexões e suposições das possíveis traições amorosas de ambos os lados. Se em DC Bentinho acusa Capitu de um possível relacionamento amoroso com o melhor amigo Escobar, em CMP, Capitu traz à tona suas suspeitas de um suposto caso homoafetivo, formado por Bento e Escobar, levando a construção de outra indecifrável dúvida. Neste trecho, Capitu narra uma conversa com Bentinho, mostrando ao leitor as sementes de suas desconfianças:

³ Apresentação feita por Marco Lucchesi do livro “Capitu: memórias póstumas”.

Concordei com José Dias, quando falou que ele tinha os olhos dulcíssimos ah, eu queria que você visse de perto a sua pele, alva e lisa, na cara raspada [...]. Olhe. Até Prima Justina achou-o “um moço muito apreciável, apesar de...” Todos rimos da ressalva... Eu não ri, diante de tanta louvação e entusiasmo: minha intuição de mulher achava toda aquela expansividade muito estranha. [...] Ainda mais grave foi constatar que, quarenta anos depois, ele ainda matinha a mesma opinião, notadamente sobre a doçura dos olhos do amigo. (CMP, 1998, p. 116)

Em contrapartida, Bentinho sempre desconfiou da amada, havia um sentimento de insegurança quanto à sua relação com Capitu, pois a distância sempre os afastava, primeiro foi o seminário, e depois os estudos. As constantes separações geravam dúvidas sobre a fidelidade de Capitu. Em DC há uma passagem onde Bento narra uma conversa sua com o agregado José Dias, percebe-se nas poucas palavras trocadas entre os dois que a desconfiança se instala rapidamente aos pensamentos do personagem ainda adolescente:

[...] e porque a palavra me estivesse a pigarrear na garganta, dei uma volta rápida, e perguntei-lhe à queima roupa: “- E Capitu como vai?”. A pergunta era imprudente, na ocasião em que cuidava de transferir o embarque. Equivalia a confessar que o motivo principal ou único da minha repulsa ao seminário era Capitu, e fazer crer improvável a viagem. Compreendi isto depois que falei; quis emendar-me, mas nem soube como, nem ele me deu tempo.“- Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo, enquanto não pegar nenhum peralta da vizinhança, que case com ela...”Estou que empalideci; pelo menos, senti correr um frio pelo corpo todo. A notícia de que ela vivia alegre, enquanto eu chorava todas as noites produziu-me aquele efeito [...]– um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme leitor das minhas entranhas. (DC. 2007, p.109, 110)

Capitu, enciumada pela tamanha amizade entre Bento e Escobar, sempre notara o interesse do colega seminarista na família Santiago, primeiro, ela descreve alguns episódios quando o jovem Escobar aparenta ter sentimentos inicialmente pela mãe de Bentinho:

Quando Bentinho passou a Escobar a opinião materna sobre ele; o jovem corou de prazer, cheio de agradecimentos, é bondade dela, uma “senhora grave, tão distinta, e moça, muito moça... Que idade teria?” “- Já fez quarenta!”, respondeu a vaidade de Bentinho. “- Não é possível! Quarenta anos! Nem parece trinta; está muito moça e tão bonita! É claro, você tem a quem sair com esses olhos que Deus lhe deu; são exatamente os dela; enviuvou há muitos anos?” Era a deixa, hoje compreendo. A singeleza e o entusiasmo de Bentinho contaram-lhe tudo que sabia de sua mãe e do pai. (CMP, 1998. p. 137)

Capitu logo depois, narra um episódio em que percebe uma estranha situação ocorrida no seminário e relatada por Bentinho, que lhe faz pensar em um possível interesse de Escobar pelo seu marido, percebendo a afetuosa relação construída entre os dois amigos:

Uma ruga de preocupação emergiu na testa de Escobar; fê-lo ir-se não sem antes observar que o padre, bem como muitos outros, “falavam de inveja”; mesmo assim, o melhor é que passassem a viver separados, no seminário. [...] Escobar arriscou um mas... com pouco empenho e sabe o que ele fez? “apertou-me as mãos, às escondidas, com tal força, que ainda me doem os dedos”. Fiquei emocionadíssimo. Juro que quase cheguei às lágrimas. O Dr. Bento omitiu do seu texto as lágrimas, mas admitiu que, passado tanto tempo, ainda permanecia nele a dolorosa e grata sensação daquela efusão antiga. (CMP, 1998, p. 139)

Em ambas narrativas, a chegada da fase adulta silencia possíveis desconfianças e o ciúme por parte dos dois protagonistas. É chegada uma prosperidade proveniente do casamento. Porém, após a morte de Escobar, o ciúme de Bento eclode por inteiro, o personagem mostra ao leitor as inúmeras suspeitas de traição entre o melhor amigo e sua esposa, fundamentadas entre fatos compreensíveis e banais.

Atormentado pela raiva, pelo ciúme, pela possível loucura, Bentinho arquiteta seu falho suicídio e, após tentar envenenar o próprio filho, discute com Capitu sobre a fonte de suas principais suspeitas de traição, ou seja, o suposto caso com Escobar:

Capitu e eu, involuntariamente, olhamos para a fotografia de Escobar, e depois um para o outro. Desta vez a confusão dela fez-se confissão pura. Este era aquele, havia por força alguma fotografia de Escobar pequeno que seria o nosso pequeno Ezequiel. De boca, porém não confessou nada; repetiu as últimas palavras, puxou o filho e saíram para a missa. (DC. 2007, p. 204)

Em CMP, Capitu reflete sobre a situação relatando, indignada pela desconfiança de Bentinho, sua insatisfação pessoal para com o marido colocando em cheque sua sexualidade novamente, além de demonstrar a falta de afinidade em relação a sogra e o afeto dela por Escobar:

Então era isso? Ele acreditava que eu e Escobar... tive ímpetos de dizer-lhe que, se assim pensava, pois que fosse, ele nunca foi o homem que eu esperava, frustrou-me desde a nossa primeira noite, a lua-de-mel foi um desencanto só, eu nunca fui feliz durante nosso casamento, sua mãe não passava de uma megera, um lobo vestido de cordeiro, Escobar foi um oásis de compreensão e amizade, desde o primeiro instante em que nos conhecemos, apresentados por ele... preferi silenciar. A ofensa era grave demais para merecer resposta. Reagi com uma gargalhada nervosa, sarcástica e completei: “- Pois até os defuntos! Nem os mortos escapam aos seus ciúmes!”. (CMP, 1998. p. 213)

A falta de confiança de Bentinho para com Capitu se estendeu pelo motivo de que além do ciúme, ele não confiava no discurso da mulher, sabia de sua tática: a dissimulação. Outro fato que era compreensível às suas suspeitas eram as visíveis semelhanças físicas entre seu filho e Escobar. Tal foi a veneração, amor e complacência que este tinha ora por Capitu, ora por Escobar, que mesmo através do discurso, seu texto não permite saber se as suspeitas eram verdadeiras, ou fruto da imaginação. Bento narra seu maior receio, o fruto da possível traição de Capitu:

Escobar vinha assim ressurgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a benção do costume. Todas essas ações eram repulsivas eu tolerava-as e praticava-as, para me não descobrir a mim mesmo e ao mundo. Mas o que pudesse dissimular ao mundo, não podia fazê-lo a mim, que vivia mais perto de mim que ninguém. (D.C. 2007, p.196)

Rebatendo e finalizando a discussão, Capitu se defende categoricamente das acusações:

Quem nos traiu, a mim e a Escobar, com sua desconfiança e sua maledicência, com seu falso julgamento, com o seu texto, foi ele mesmo, Bentinho. Traiu o amigo, que o admirava; traiu a mulher que o amava, por fim traiu-se a si mesmo. Ele me colocou no coração e na alma todas as razões para traí-lo. (CMP, 1998, p. 225).

As duas obras são marcadas por um ponto-chave que gera todos os focos interrogativos: o discurso. Tanto Bento em DC, que conta a primeira versão dos fatos, e é conciso quanto às suas acusações como Capitu, em CMP argumenta e rebate, de forma decisiva, levando a discussão dos supostos casos amorosos, utilizam o discurso como principal arma de apoio e julgamento da verdade ou da mentira, traição ou lealdade, que cabe somente ao público decifrar e decidir de qual lado ficar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, discutimos a extensão e complexidade do campo enunciativo e como este interfere diversificadamente em assuntos de cunho ideológico, social e discursivo, ou seja, o modo como a construção dos enunciados e os sujeitos que o constroem produzem mudanças significativas nos sentidos a eles atrelados.

A complexidade de ambas as narrativas é inquestionável, as duas narrações foram escritas em grande maestria. Machado de Assis comprova sua genialidade na obra “Dom Casmurro”, e Domício Proença Filho mostra sua competência e perspicácia na criação de Capitu: Memórias Póstumas, onde contrapõe várias acusações levando a reavaliação do quadro da suposta traição amorosa e gerando outra dúvida enigmática.

Pode-se salientar que o aspecto temático social encontrado nas duas obras, a presença da relação entre literatura e sociedade, aparece completamente associado a questão de uma sociedade construída por aparências, refletindo à uma forte crítica à realidade da época, pois as questões de ordem capitalistas influenciavam e influenciam até hoje as relações de poder e afetividade constituídas no âmbito social.

Nos dois romances é visível a troca das relações de poder, ora influenciadas pelo discurso, ora pelas convenções sociais. Porém o fator de maior importância das relações de poder dentro das narrativas analisadas é a enunciação. É através do processo enunciativo que a construção da fala das personagens é estabelecida, de forma que possam influenciar diretamente na perspectiva do leitor.

Os romances analisados apresentam enredos pautados na suspeita de traição dos dois lados. Em ambas, o poder da enunciação é perceptível, tanto Bentinho em “Dom Casmurro” ao apresentar os supostos rumores da possível traição de Capitu ao leitor, quanto Capitu em “Capitu Memórias Póstumas” ao expor insinuatamente uma possível traição por parte de seu ex- marido e defender-se das acusações. O leitor ao ter conhecimento de ambos os discursos fica intrigado com as dúvidas que tendem a aumentar ainda mais, e este é o principal objetivo de ambos os narradores, conseguir influenciar a perspectiva de justiça do leitor através de seu discurso e poder de convencimento.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. **Considerações sobre a recepção de Machado de Assis**. Matraga: Rio de Janeiro, 2008.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

_____. & CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: história e antologia das origens ao realismo**. – 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luís Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

LUCCHESI, Marcos. In: PROENÇA FILHO, Domício. **Capitu: Memórias Póstumas**. Rio de Janeiro: Artium, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade**. Tradução de Marina Appenzeller; revisão da tradução: Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura brasileira: Realismo e Simbolismo**. – 5. ed. São Paulo, Cultrix, 2001.

PIZA, Daniel. **Machado de Assis: um gênio brasileiro**. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

PROENÇA FILHO, Domício. **Capitu: Memórias Póstumas**. Rio de Janeiro: Artium, 1998.

SARGENTINI, Vanice & BARBOSA, Pedro Navarro. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Clara Luz, 2004.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Editora 34, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.